



**“Histórias do Trabalho no Sul Global”**

**“Historias del Trabajo en el Sur Global”**

**“Labour Histories from the Global South”**

**I Seminário Internacional de História do Trabalho**

**V Jornada Nacional de História do Trabalho**

**Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis**

**25-28 de Outubro de 2010**

## **Sobrevivência e Precariedade: o trabalho com o lixo e suas ambigüidades**

Ana Mágnia Silva Couto<sup>1</sup>

Neste espaço, proponho refletir sobre certas dimensões da problemática do lixo no espaço urbano e sua complexidade. Ao abordar as atividades dos trabalhadores da usina de triagem do aterro sanitário de Uberlândia – MG, deparo-me, também, com vários outros sujeitos e travo um diálogo que pretende, justamente, apreender elementos desse universo de trabalho e sua articulação com o gerenciamento do lixo e determinados aspectos da vida na cidade. Situar historicamente essas relações permitiu ampliar o debate acerca de como novas ingerências da sociedade moderna sobre o lixo desvendam-no como uma mercadoria, e de que maneira isso influenciou nos modos de vida da população mais deserdada da cidade. Busquei discutir as implicações do aterro sanitário como empresa, lugar em que se pretende obter do lixo - lucro, e refletir ainda sobre seu significado como espaço de produção. Por meio dele, os trabalhadores organizam o

<sup>1</sup> Doutora em História Social pelo Programa de Estudos Pós Graduais em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

trabalho e a sobrevivência. Esse modo de trabalhar tem sido uma forma de subsistência para expressiva parcela da população em muitas localidades deste país. Dialogar com esses sujeitos propiciou uma percepção de como interpretam o preconceito e a desqualificação social existentes.

Lidar com as vivências de trabalhadores e trabalhadoras do aterro sanitário possibilitou a percepção de determinadas experiências sociais, como a de lidar diretamente com o lixo - realizar um trabalho intrinsecamente ligado às transformações políticas e econômicas nas formas de gerenciamento dos restos. A atividade exercida por estes sujeitos representou novas possibilidades no mercado de trabalho, outras diferentes formas de sobreviver do lixo, até então, não existentes na história de Uberlândia. O testemunho dos trabalhadores ajudou a apreender o aterro sanitário como espaço de relações vividas, como um caminho para pensar o modo como a cidade se relaciona com o lixo que produz. Compreender o modo de trabalhar e a rotina diária dos trabalhadores permitiu algumas inflexões sobre intrigantes e complexos aspectos de nossa cultura que se traduzem na maneira como lidamos com o lixo.<sup>2</sup> As narrativas também propiciaram aos narradores refletir o que esta experiência que significou para eles.

A análise sobre as relações vividas em torno do lixo na cidade levou-nos a lidar com noções da história social como cultura, costumes, tradição, práticas sociais e trabalho. Dialogar com essas referências teóricas, tendo em perspectiva o modo como são elaboradas nos textos de E. P. Thompson, inspirou-nos a refletir sobre os sentidos das diversas transformações históricas no viver urbano que se articulam aos diferentes usos que se fazem dos restos.<sup>3</sup>

Em 2002, encerraram-se as atividades de triagem do lixo na usina por determinação da prefeitura. Concluiu-se, depois de um processo de avaliação, que a empresa não estava funcionando conforme as normas exigidas pelo COPAM - Conselho

---

<sup>2</sup> Este texto foi inspirado em minha tese de doutorado intitulada: *Das sobras à indústria da reciclagem: a invenção do lixo na cidade – Uberlândia 1980-2002*. Para problematizar as experiências dos trabalhadores do aterro sanitário, recorri a entrevistas orais, que me possibilitaram tomar contato com certas dimensões da vida destes sujeitos. Parti da premissa de que as narrativas me aproximariam dos trabalhadores, de sua realidade social e da elaboração que, em suas próprias consciências, faziam dela. Os depoimentos trouxeram contribuições fundamentais para compreender a usina como empresa e, ao mesmo tempo, como espaço do qual os trabalhadores se apropriavam. Ao longo da reflexão aqui estabelecida, por uma simples questão de espaço, escolhi expor mais acerca das vivências dos trabalhadores em lugar de citar seus depoimentos textualmente.

<sup>3</sup> THOMPSON, E. P. “A lógica histórica”. In: *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros*. RJ: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, vol. II.

Estadual de Fiscalização Ambiental. A questão urbana e política em que consistiu a desativação da usina resultou em prejuízos à cidade. Quanto aos trabalhadores, quase todos ficaram desempregados. Nesta condição, sem vínculos nem garantias, sentindo-se lesados pela empresa, alguns trabalhadores expuseram interessantes questões. O exercício de cruzar essas entrevistas com as anteriores, produzidas cerca de dois anos antes, e também com as de outros empregados que ocupavam postos diferentes, permitiu-me discutir o funcionamento da usina durante todo o período em que os trabalhadores lá estiveram e as diversas contradições e ambiguidades desse processo.

Para iniciar a conversa com os trabalhadores, dei prioridade a temas em torno das atividades que realizavam, das condições de trabalho, das dificuldades mais comuns em sua realização e da própria trajetória de inserção na empresa. Nesse sentido, algumas indagações serviram de ponto de partida. Para eles, quais eram os sentidos daquele emprego? Como era o cotidiano de trabalho e os modos de trabalhar? Como dominavam os procedimentos e lidavam com as normas existentes? Esses e outros elementos serviram de referência para apreender os significados atribuídos ao trabalho com o lixo. De que maneira isso era experimentado? Analisar o dia-a-dia na usina era se defrontar com a realidade ali vivida, expectativas, decepções, carências e conquistas. Tudo isso diz respeito a uma cultura de sobrevivência, marcada pela precariedade que, historicamente, vem se forjando no espaço urbano.

Alguns trabalhadores narraram que esse trabalho possibilitou-lhes um aprendizado sobre o processo social de aproveitamento do lixo, que começaram a atentar para o desperdício de recursos contidos em meio aos restos, expressão das contradições sociais. Em seus depoimentos, eles foram revelando uma percepção de que o lixo sinaliza atitudes, comportamentos e práticas, o que me inspirou a refletir sobre como os restos traduzem profundas questões sociais, econômicas, políticas e culturais de nossa sociedade.

Em Uberlândia, há vários anos, os trabalhadores haviam exercido diversas atividades antes de ingressarem na usina, exceto algumas mulheres que há tempos não efetuavam ocupação remunerada. Um dado que, talvez, tenha relação com o fato de que, no início, grande parte do quadro de funcionários da usina era constituído por mulheres. Há uma série de elementos comuns na trajetória dos trabalhadores: a procedência do interior de Minas Gerais, da zona rural, a vinda para a cidade em busca de emprego e na

crença de conquistar melhores condições de vida. A maioria disse estar desempregada à época em que começou a trabalhar na usina. Algumas mulheres contam que souberam da oferta de vagas por meio de cartazes em estabelecimentos comerciais dos bairros em que moram. A Limpel Atividades Urbanas LTDA<sup>4</sup> - empresa subcontratada para implantar a usina de lixo e gerenciar o aterro sanitário - costumava afixar anúncios ou estabelecer pontos de inscrição como estratégias para recrutar mão-de-obra. Outros meios mencionados consistiam em agência de empregos e assistentes sociais para sensibilizar os candidatos.

Os trabalhadores mais antigos da usina moravam em bairros um tanto distantes da região central. Já os contratados mais recentes residiam nas proximidades do aterro. Outra experiência comum entre eles era a de estar desempregado, à procura de algo que pudesse garantir a própria sobrevivência e a da família. A trajetória de alguns trabalhadores revela as dificuldades que enfrentaram diante da ausência de trabalho. De fato, expõe uma realidade vivenciada por expressivo número de pessoas em todo o país: a falta de oportunidade de inserção no mercado formal; uma vez desempregado, passa a ser muito difícil se recolocar. Trata-se da experiência de trabalhadores também no espaço urbano de Uberlândia, que, por força das contingências, improvisam a sobrevivência em atividades precárias e provisórias, que, vão tornando-se, na maioria das vezes, permanentes.

Diante do desemprego, os trabalhadores viram a atividade no aterro como alternativa frente à extrema necessidade. Isso é reafirmado por Sílvio de Faria, que trabalhou lá por mais de dois anos, na função de operador de prensa. Para ele, o trabalho era para ter sido provisório, até que aparecesse algo melhor, o que não aconteceu. Era por isso que, apesar de insatisfeito, ele permanecia. Com franqueza, Sílvio declarou que sua primeira impressão foi de susto e que o contato com o lixo sempre lhe causava certo nojo. Ainda assim, ele continuou na empresa, pois precisava. Seu depoimento é representativo de uma situação análoga à de todos os entrevistados: a busca por emprego. Mesmo que em situações e condições diferenciadas, a maioria deles não estava exercendo atividade remunerada alguma quando foi para o aterro. Dessa forma, os trabalhadores expuseram a falta de oportunidade em relação a outras formas de trabalho.

<sup>4</sup> **CCO termina na próxima semana o lote II da rodovia Uberlândia/Prata.** *Correio de Uberlândia*, 03 de agosto de 1984, n. 13.940, p. 01. Ver também *Correio de Uberlândia - Negócios*, 19 de novembro de 1989, p. 15.

Suas observações indicaram a consciência que detinham de processos de exclusão e marginalização na cidade.

As várias explicações que os trabalhadores elaboravam para falar do modo como viam o próprio trabalho delimitam intrigantes aspectos das relações em torno do lixo. Os depoimentos apontaram como a implantação da usina em Uberlândia, em 1997, assegurou a esses trabalhadores inserirem-se novamente no mercado de trabalho local. Isso ocorreu num contexto em que eles, além de estar precisando, não encontraram outra saída. É preciso lembrar que ela fora instaurada num período que, como toda a década de 1990, foi marcado por intensa crise econômica. Num momento de recessão em todo o país, a população mais pobre sentia isso intensamente na cidade, pois as ofertas de emprego estavam cada vez mais escassas em diversos campos profissionais.

Em suas narrativas, os trabalhadores revelaram os sentimentos que cultivavam em relação ao trabalho e o que pensavam sobre o lixo, de maneira muito diversa. Assim, apontaram vários elementos do cotidiano, as dificuldades existentes e as que mencionaram que foram, aos poucos, superando. Num diálogo inicial, busquei apreender aspectos que fossem próprios do trabalho realizado por eles, as particularidades. Mas, ao solicitar que falassem sobre o que achavam mais difícil, uns diziam não haver dificuldades, outros indicavam características que, na verdade, são próprias do trabalho em muitas empresas, a exemplo da obrigação de acordar muito cedo ou permanecer de pé horas a fio.

Entretanto, ao ouvir outros entrevistados, fui percebendo que a atitude de falar do próprio trabalho, comparando suas exigências à de outro qualquer e minimizando-as, parece ter consistido num mecanismo típico de que alguns se utilizaram para estabelecer uma interlocução e poder lidar com um mal-estar advindo da especificidade da própria ocupação. É admissível que toda atividade profissional contenha seus limites. Mas, para esses trabalhadores, talvez este mal-estar fosse de dimensão tamanha que se tornava impossível falar apenas dele. Daí, isso constituiu uma tentativa de abordar o problema, inclusive, de forma mais amena. Explicar que se acostumou ao trabalho é um exemplo do uso desse subterfúgio.

Ainda assim, Dilma,<sup>5</sup> referindo-se ao mau cheiro do lixo, revelou que nada parecia ser pior. Outra trabalhadora, Edna Trindade<sup>6</sup>, admitiu ainda que aquilo que mais a

---

<sup>5</sup> Dilma Correia. Entrevista realizada em 23 de julho de 2002.

incomodava era o odor e os mosquitos. Quando observei achar curioso que não tivesse se acostumado ao mau cheiro, que ainda o sentisse, ela afirmou que ninguém se “acostuma assim não”. Ouvindo-as, avaliamos que o momento em que os trabalhadores se adentraram à usina, mediante a natureza do próprio trabalho e a precariedade com que se defrontaram, configurou um verdadeiro teste de resistência. Suportar o odor dos restos, conter a repugnância, vencer a intolerância inicial, era um primeiro passo para sentir se conseguiria submeter-se àquelas condições. Como contaram alguns, muitos não se adaptaram. Isso também nos propiciou refletir sobre o modo como os trabalhadores agiam nesse processo: o esforço que empreendiam ao tentar adaptar-se continha, simultaneamente, uma dose de submissão e reação, uma luta interior experimentada por todos, mas vivenciada individualmente de maneira distinta. Se uns afirmaram ter se acostumado e até gostarem do trabalho, outros garantiram que jamais se acostuariam e suportavam-no porque precisavam.

De fato, as narrativas dos trabalhadores tornaram-se emblemáticas de vários aspectos que envolvem a questão do lixo na cidade, como os problemas enfrentados durante a instalação, a própria trajetória de funcionamento da usina administrada pela Limpel. Os depoimentos apontam como os trabalhadores, no começo, estranharam o ambiente, a alta temperatura sob o galpão de zinco, a sujeira e a lida com a própria inexperiência. Mas, não obstante essas limitações inerentes à natureza do trabalho, eles precisavam enfrentar, também, a instabilidade que predominou no processo de gerenciamento da empresa.

Em maio de 1998, o empreendimento contava com 108 empregados, além do “encarregado geral, Onacir Jorge da Costa, o engenheiro Cláudio Paiva sob supervisão geral de Heitor Eduardo”, todos funcionários da Limpel. Com o tempo, esse quadro seria modificado com a contratação de um profissional de segurança do trabalho, por exemplo. As condições em que o trabalho era organizado transparecem, ainda, em um relatório elaborado pela FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente), órgão do COPAM (Conselho Estadual de Fiscalização Ambiental, responsável por fiscalizar as atividades na usina uma vez por ano. Esse documento registra “que o empreendimento vinha sendo regularmente fiscalizado por agentes de inspeção do Ministério do Trabalho, que

---

<sup>6</sup> Edna Pereira Trindade. Entrevista realizada 05 de dezembro de 2001.



classificam a atividade exercida no local como grau de risco 3”<sup>7</sup>. Na verdade, não eram poucos os entraves e a própria Limpel foi buscando aperfeiçoar aspectos da rotina de trabalho em razão de circunstâncias que o exigiram.

Os depoimentos revelaram as dificuldades que marcaram o início do trabalho na usina. Dilma referiu-se ao fato de que, no começo, o trabalho era mais insalubre. Zileila Martins<sup>8</sup>, ao falar de sua adaptação, contou que a “primeira semana” de trabalho “foi difícil, porque o lixo acumulava muito” e, ao chegar à esteira para ser separado, já em estado de fermentação, trazia um odor “horrível”. Segundo ela, naquele momento, tentou-se processar todo o lixo da cidade nas esteiras, intento no qual se fracassou, passando-se, então, a destinar grande parte do lixo ao aterro, onde os resíduos eram apenas enterrados. Outra trabalhadora, Silvano Moreira<sup>9</sup>, explicou que o ritmo de trabalho era mais intenso àquela época.

O funcionamento da usina implicava um amplo conjunto de atividades. Quando chegavam carregados de lixo, os caminhões compactadores eram pesados numa balança apropriada e seguiam levando os resíduos, ou direto para o aterro, onde seriam soterrados, ou, naquele contexto, para um fosso, em que permaneciam até serem transportados para a esteira por meio de um braço mecânico. O fato de ir para o aterro ou para a esteira resultava da origem do lixo, se veio dos bairros periféricos ou do centro, conforme explicou Clênia Maria, técnico de segurança, cujas funções estavam relacionadas com a supervisão dos trabalhadores da esteira.

Mesmo nos dias de hoje, na entrada do aterro, há uma guarita onde um funcionário controla a passagem dos caminhões e registra os valores apontados pela balança. Isso é feito porque a empresa é remunerada pela prefeitura conforme a quantidade de lixo destinada ao aterro e não pela quantidade de resíduos selecionados. O

<sup>7</sup> Relatório de Avaliação Ambiental do Aterro Sanitário de Uberlândia, p. 03. Em seu depoimento, a técnico de segurança relatou que a atividade na usina era classificada, no que se refere ao grau de insalubridade, de risco à saúde, em 40%, e, de modo semelhante, ao de periculosidade, porque havia risco de explosão. Conversa informal com a autora, em 29 de dezembro de 2005. Seja como for, no que tange a estas classificações, sua gravidade é definida pela natureza da lesão resultante de possíveis acidentes do trabalho. A de risco 3 corresponde àquela “que leva ao afastamento do trabalhador do trabalho por tempo indeterminado ou definitivo, podendo provocar invalidez parcial ou total (amputação de membros, perda de substância, fraturas graves, queimaduras extensas e graves, contaminação e intoxicações graves, entre outras) incluindo todas as doenças do trabalho e/ou a morte. In: *Novos desafios em saúde e segurança do trabalho*. NETO, Antônio Carvalho e SALIM, Celso Amorim (Orgs.). Belo Horizonte: PUC-Minas, Instituto de Relações de Trabalho e Fundacentro, 2001, p. 115.

<sup>8</sup> Zileila Martins de Melo Costa. Entrevista realizada em 20 de setembro e 05 de dezembro de 2001.

<sup>9</sup> Silvano Moreira de Freitas Andrade. Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2001.

depoimento de Clênia teve o mérito de auxiliar na compreensão de como se estruturava, de maneira geral e com certa objetividade, o trabalho na usina. De acordo com ela, para o processo de reaproveitamento dos restos, em 2002, quando a usina, então, passava a funcionar com apenas uma esteira, havia cerca de 60 funcionários. Dividiam-se em diferentes funções: 40 eram serviços gerais (atuavam na esteira), 12 carrinheiros, 06 operadores de prensa, além dos operadores de garra e de máquina, motoristas e porteiros. Já o depoimento dos trabalhadores, quase sempre, apresentava aspectos específicos, que ressaltavam a natureza do trabalho, porque marcado pela percepção e vivência adquiridas no cotidiano da usina. Conforme disseram algumas trabalhadoras, segunda-feira era o dia mais difícil em razão de lidarem com o lixo que permanecia acumulado no fosso durante o fim de semana.

No que tange à maneira como se estruturava o trabalho na usina, avalio que, a despeito da precariedade, havia a instituição de um controle e de um conjunto de regras. Exemplo concreto era a presença da esteira, porque traduzia a imposição de um sistema de trabalho, exigindo e imprimindo ritmo aos movimentos dos que ali estavam. Era uma máquina determinando o procedimento a ser executado, semelhante a uma linha de produção. As várias narrativas esclareceram acerca do processo de trabalho, a disposição dos funcionários na esteira e as diferentes funções executadas: abrir os sacos de lixo e dispor os resíduos para os colegas que os separavam. As trabalhadoras asseguraram que, geralmente, quem rasgava os sacos estava propenso a machucar-se, pois, ao fazê-lo, poderia deparar com objetos cortantes ou produtos tóxicos. Falaram também sobre a necessidade de empregar certa força física devido ao peso dos sacos e à dificuldade em abri-los, por isso, usavam uma faca afiada para a execução dessa tarefa, o que acarretava outro risco. A seleção dos materiais reaproveitáveis acarretava consequências tais como cansaço mental, necessidade de concentração, preocupação em pegar um produto e excluir outro, todas essas características foram descritas pelas trabalhadoras. São aspectos que demonstram a imposição de um ritmo de trabalho e de uma permanente disciplina, cessando somente ao se desligar a esteira. Um rigor acentuado pelo fato de que, segundo elas, a organização e a disposição na esteira para recolher os materiais exigia agilidade e sintonia, o que significava não poder sair do lugar sem comunicar o colega e ter sua saída condicionada à presença dele. Se alguém precisasse deixar a esteira, por algum motivo, deveria avisar ao outro, a fim de não prejudicar o rendimento



do trabalho, controlado pela máquina. Uma situação que colocava os trabalhadores na condição de ter de dar satisfações ao parceiro para afastar-se da esteira, e, dependendo da relação estabelecida, oferecia a oportunidade de controle e vigilância de uns sobre os outros. Desse modo, as regras de organização do trabalho sugeriam a imposição de um rígido sistema. A exemplo do fato de que se um deles precisasse trocar de atividade, por estar exausto, deveria primeiro falar com a técnico de segurança, uma vez que os critérios para a rotatividade nas funções ficavam a seu encargo. Era proibido que negociassem entre si a posição na esteira e o material a ser selecionado.

Para algumas entrevistadas, algumas tarefas eram mais exigentes, como permanecer na ponta da esteira e rasgar os sacos. Já outras falaram da especificidade de cada lugar na esteira, das diferentes atribuições que se tinha conforme essa divisão. Descreveram aspectos do processo de trabalho, ressaltando tarefas consideradas como exaustivas por demandar maior esforço físico: cortar, abrir os sacos de lixo e lidar com o rejeito na esteira. O rejeito é tudo aquilo que não é aproveitável, nem na triagem nem na produção do adubo, devendo ir para o aterro, desde pedaço de madeira até fralda descartável, papel e absorvente higiênico, tecido, embalagem a vácuo ou confeccionada com materiais diversos, a exemplo de papel carbono e isopor. De um lado, pela sua própria constituição, o rejeito é matéria cujo destino é mesmo ser enterrado, não se pode defini-lo como sobra ou resto, porquanto não oferece serventia alguma. De outro lado, ele é muito característico da vida urbana, que pode ser qualificada pelas formas de produção de lixo; é expressivo de determinadas mudanças nos hábitos sociais de consumo, de novas práticas impregnadas da idéia de adjetivos como fácil, moderno, prático e rápido.

Assim, a despeito de declarar que, com o passar do tempo, foram acostumando-se ao trabalho, havia tarefas que os trabalhadores admitiam ser mais exigentes fisicamente. Ione<sup>10</sup> ofereceu uma dimensão mais ampla das dificuldades que os trabalhadores enfrentavam, e de como eles classificavam-nas, porque, numa eventual hierarquia das atividades, lidar com o rejeito era o que consideravam o pior a ser feito. Ione contribuiu para essa impressão, quando assegurou que nem todos os trabalhadores eram designados a cumprir tal tarefa, os que tinham mais afinidade com os chefes conseguiam esquivar-se da ingrata obrigação. As relações de trabalho na usina, e as

---

<sup>10</sup> Ione Ribeiro. Entrevista realizada em 12 de dezembro de 2001.

formas de exploração que ali prevaleciam, instigam-nos a refletir sobre a maneira como, todos os dias, muitos homens e mulheres são expropriados de suas energias nesse sistema; o corpo do trabalhador é sugado à exaustão, até ser considerado não mais rentável. A força física, sempre tão necessária, importante bem de que dispomos, é empregada conforme os interesses dos que se apropriam dela e dos rendimentos que produz. Com a saúde comprometida, os trabalhadores se veem lutando para se proteger, ou se recuperar, usurpados de algo tão precioso, explorados e não reconhecidos pelo que fazem.<sup>11</sup>

Os entrevistados relataram, ainda, a respeito de uma exigência quanto à produtividade. Havia uma determinação da empresa de que receberiam “o prêmio” conforme os lucros obtidos com a venda dos materiais, dez ou quinze por cento do valor seria repartido entre eles. Era uma maneira de estimulá-los certamente, um recurso para exigir maior produção e interferir no ritmo de trabalho. Outro exemplo de normas definidas pela empresa, que geravam desagrado entre os trabalhadores, era a restrição para ausentar-se, mesmo para uma consulta médica, pois isso significaria ser privado do vale alimentação e, inclusive, de receber pelo respectivo dia de serviço, ainda que se apresentasse um atestado médico. Tratava-se de uma estratégia de controle da empresa, cuja postura é difícil precisar se consistia em um mecanismo para lidar com o absenteísmo de modo geral, ou se era uma tentativa de inibir o número de funcionários que se ausentavam em decorrência dos acidentes de trabalho.

De todo modo, ambas as situações demarcavam importantes aspectos do universo de trabalho na usina, porque evidenciavam o embate entre os trabalhadores e a empresa, que se utilizava de determinadas estratégias a fim de constrangê-los a abrir mão de certos direitos. Esses exemplos evidenciam as relações de conflito e exploração que, para alguns, não passavam despercebidas. Em seu depoimento, ao revelar certa preocupação com a saúde, Ione também demonstrou consciência de que determinados direitos dos trabalhadores não estavam sendo respeitados.

Ademais, havia uma diferenciação quanto ao tratamento dado aos trabalhadores no espaço do aterro. Atentei para isso na ocasião em que indaguei a uma funcionária se o salário era igual para todos que atuavam no setor de triagem. Ela pareceu hesitar ao

---

<sup>11</sup> Atentemos para o fato de que à força somam-se a exigência da resistência física e da submissão, elementos sempre presentes, de maneiras distintas, na experiência de diversas categorias de trabalhadores; dos carregadores de mercadorias às trabalhadoras domésticas e tantos outros.

responder que na carteira de trabalho era sim. Fiz semelhante pergunta a outros e soube que havia variações no salário conforme a função exercida.

Perto do galpão onde se localizavam as esteiras, havia o setor de prensas, para onde os carrinheiros transportavam os resíduos já selecionados que retiravam dos tambores. Utilizando as máquinas, os operadores compactavam os materiais recicláveis em fardos de peso e tamanho variados. Conquanto permanecessem todos no mesmo espaço, carrinheiros e operadores, o fato de exercerem funções distintas interferia nas relações que se estabeleciam entre eles e aqueles que atuavam na esteira. No que se refere à diferença salarial, Sílvia mencionou que havia “três faixas salariais” e que o pessoal da esteira recebia o menor salário. Mas essa não era a única desvantagem para estes trabalhadores. Segundo Dilma, não havia muita afinidade entre eles, da esteira, e os outros, “os da prensa”. Sua narrativa indicou aspectos de uma hierarquia social que se estabelecia dentro da usina. Em sua avaliação, aqueles que atuavam na prensa acreditavam que o trabalho realizado por eles era melhor do ponto de vista da aceitação social. Embora tenha constatado isso, ela inverteu essa relação, valorizando a importância de seu trabalho e de seus colegas. Dilma afirmou que se o pessoal da esteira não selecionasse os materiais recicláveis nada haveria para se fazer nas prensas. Admitindo o que nomeou de “uma certa inferioridade”, ainda que velada, sentida pelo pessoal da esteira, Salvador dos Santos<sup>12</sup> recordou-se de que estranhava que quase nunca os chefes chamassem a atenção daqueles que lidavam com as prensas. Analisando o modo como os trabalhadores vivenciavam as tensões na usina, como lidavam com a hierarquia ali instituída e a interpretavam, defrontei-me com a complexidade desse universo de trabalho. A forma de organização existente acarretava uma divisão social da qual tinham plena consciência, porque se concretizava com a delegação das atividades, a hierarquia e as relações de poder inerentes a ela. Não era apenas o trabalhar com o lixo que estava sujeito ao preconceito social, os trabalhadores experimentavam-no em maior ou menor proporção conforme a distribuição de tarefas no interior da empresa.

Para além das diferenças entre integrar o grupo dos que atuavam na esteira, ser carrinheiro ou prensista, marcadas pela proximidade ou distanciamento no contato físico com o lixo, havia também outro fator de valor simbólico e com profundas raízes na desqualificação social que os trabalhadores diziam sentir. A técnico de segurança e o

---

<sup>12</sup> Salvador dos Santos Alves, 45 anos. Conversa informal com a autora em 06 de junho de 2004.

encarregado geral, chefes que eram, simbolizavam, de certa maneira, elementos como autoridade, capacidade de mando e saber técnico. Desse modo, em meio às relações de conflito no ambiente da usina, tais aspectos tinham profundo significado e influência.

Avalio que é possível fazer uma releitura que desvende como os trabalhadores lidavam com as contradições existentes, de que maneira interpretavam-nas e, ao fazê-lo, alguns estabeleciam contundentes críticas ao que viam. O que contavam a respeito do processo e das condições de trabalho, das tentativas de propor soluções diante dos problemas rotineiros enfrentados, demonstram que tentavam interferir e modificar as circunstâncias, dentro dos limites que se apresentavam. Não raras vezes, nos depoimentos, os trabalhadores sugeriam novas atitudes que as pessoas deveriam assumir com relação ao lixo. Essas narrativas passavam a incluir outros sujeitos, “o povo da cidade”, que descarta seu lixo sem se preocupar com quem irá manipulá-lo e, talvez, ferir-se, e retratavam uma complexa realidade em que o poder público deveria intervir em busca de solução.

Os depoimentos sinalizaram, sobretudo, os limites do trabalho. Maria Aparecida retratou aspectos do que significava o contato diário com o lixo: enfrentar o imprevisível. Outros trabalhadores também contaram que, além de penas de aves, deparavam-se com gatos e cachorros mortos, em decorrência de um costume de setores da população de colocá-los no lixo em vez de enterrá-los. Duas entrevistadas mencionaram que, certa vez, encontraram uma criança morta no saco de lixo e que isso provocou um choque entre os trabalhadores. Sinais de que o trabalho com o lixo revelava-se como uma atividade marcada por circunstâncias inusitadas, levando-os a observar hábitos culturais próprios de determinadas classes e diversos aspectos sociais inerentes a eles.

As narrativas desenhavam a experiência: a resistência inicial diante da visão do lixo. Retratavam o ambiente, equipamentos, normas, dificuldades, necessidades de atenção e agilidade na esteira, sensações de tontura, enfim, as exigências próprias da natureza do trabalho. Tudo isso foram elementos presentes em vários depoimentos. As trabalhadoras descreveram a relação que estabeleciam com o trabalho, inicialmente, os obstáculos e o acostumar-se a eles. Asseguram que, ao se vencerem algumas resistências, pode-se tomar gosto pelo que fazem. Dessa maneira, os depoimentos deixaram entrever dois movimentos simultâneos: num primeiro momento, os trabalhadores apontavam a atividade que realizavam como igual a qualquer outra, suavizando sua natureza; logo em

seguida, um movimento de auto-afirmação, em que eles buscam fazer-se sujeitos nesse processo. Superando resistências ou acostumando-se às dificuldades, reafirmavam-se como trabalhadores na luta pela sobrevivência.

Nessa perspectiva, as impressões dos trabalhadores acerca do próprio trabalho são marcadas por muitas ambiguidades. Alguns o veem como um trabalho sujo, como Sílvio, que dizia sempre sentir certo asco. Mas, para todos, mesmo os mais experientes, atuar com os restos acarretava sempre o risco de cortar-se com objetos pontiagudos que poderiam vir junto, agulhas, fragmentos de metal e cacos de vidros. Zileila, por exemplo, assegurou que o uso da luva não oferecia proteção suficiente e que, em meio ao lixo, "não se sabe o que vem". Ao falar daquilo que os refugos continham, ela traduziu, em parte, a fragilidade dos trabalhadores, pois estavam propensos a deparar com algo considerado ameaçador a todo momento. Silvany, expondo sua visão, descreveu a atividade que fazia como perigosa, em que corria o risco de machucar-se com objetos cortantes e perfurantes. Ela explicou que encontravam no lixo grande quantidade de agulhas devido ao fato de que muitos, por terem pessoas doentes em casa, fazem uso de seringas e agulhas, mas descartam-nas sem muita cautela. Já Ione Ribeiro declarou acreditar que, possivelmente, trata-se de certos estabelecimentos de saúde, localizados nos bairros, nos quais os veículos específicos, que fazem a coleta do lixo hospitalar, não recolhem esses resíduos com a devida regularidade. Essa foi sua explicação para a tamanha quantidade de agulhas que encontravam no lixo. Ressalte-se como essa questão, apontada pelos trabalhadores, denuncia a necessidade de as pessoas pensarem sobre o que descartam e de que maneira o fazem. O fato de os trabalhadores acharem seringas, agulhas, materiais que foram usados para fazer curativos, e relatarem ter medo de se contaminar, torna evidente não apenas a íntima ligação entre lixo e saúde pública, como também a negligência da maioria das pessoas que assim desprezam esses refugos, por falta de informação, de consciência, ou por descaso. As trabalhadoras mostraram-se conscientes frente a essa realidade, interpretando-a e demonstrando ter potencial para sugerir normas de tratamento do lixo tanto na usina quanto na cidade. O fato de os trabalhadores encontrarem resíduos hospitalares no lixo doméstico diz respeito também à responsabilidade da sociedade quanto à produção desses restos.

Silvany e Ione contaram que já haviam se espetado com agulhas no lixo. Ione machucou-se três vezes, tendo perfurado o dedo. Só não houve nada grave, a exemplo de

uma infecção, porque eram vacinadas. Conforme ela mencionou, os trabalhadores tomavam uma vacina antitetânica, e mais duas, uma contra hepatite B e outra contra febre amarela. Curioso é que, quando perguntei se a vacinação foi feita logo que foram contratados, Ione negou, assegurando que somente depois de dois anos a empresa começou a executar esse procedimento. Isso se confirmou por uma informação dada por Clênia, que esclareceu ter sido ela própria quem começou a organizar o sistema de vacinação, o que ocorreu assim que foi contratada. Ainda sobre essa questão, no Relatório de Avaliação Ambiental, encontrei um parecer da FEAM, alegando que, numa vistoria realizada em abril de 1999, o órgão foi informado de que os trabalhadores “estavam vacinados contra tétano”, e somente isso; ao passo que, em 2001, numa outra inspeção, registrou-se que “estavam vacinados contra tétano, febre amarela e hepatite B”. Durante esse intervalo de dois anos, não há referências de que tenham sido feitas visitas à usina.

Além do perigo de cortar-se com determinados objetos, os trabalhadores mencionaram outros riscos a que estavam expostos, como o da contaminação com produtos químicos e tóxicos. Zileila lembra que, certa vez, um colega teve os olhos atingidos por soda cáustica ao cortar um saco. Ela enfatizou que ele estava usando os óculos na ocasião e que, ainda assim, seus olhos foram alvo do produto. Com isso, os trabalhadores apontavam que, apesar do uso dos equipamentos de proteção individual; luvas, máscaras, óculos, aventais, estavam sujeitos a certos ferimentos. Essas questões demonstraram um importante aspecto da atividade que realizavam, o fato de ser um trabalho que afetava de maneira significativa a saúde deles. Uma preocupação que alguns traziam pela experiência de já terem sido atingidos ou porque se davam conta do risco constante a que estavam expostos diariamente. Certos depoimentos expressavam o temor e a consciência da precariedade do trabalho.

Em vários momentos, os trabalhadores revelaram-se conscientes do perigo de se contaminarem com determinados resíduos. Uma consciência que adveio de vários fatores que se encontram interligados: primeiro, da proximidade com a experiência real e concreta, eles viam isso ocorrer a seus colegas com certa frequência; segundo, a ameaça e o perigo de contágio eram, muitas vezes, apresentados aos trabalhadores pela própria empresa, ao promover palestras realizadas por médicos e outros profissionais da área de saúde. Em seguida, é preciso lembrar que, tanto do ponto de vista destes profissionais



como do imaginário social, se faz presente uma forte associação entre lixo e doença. O que se tornou mais evidente com a complexidade da questão do lixo hospitalar em decorrência dos perigos que esses resíduos passaram a representar, gradativamente, nos últimos anos. Finalmente, acrescente-se a isso o medo que as pessoas possuem de se contaminar com doenças como AIDS, hepatite tipo B ou infecções transmissíveis pelo contato com resíduos contaminados. Como os trabalhadores não estavam imunes a tais receios nem a tais riscos e realizavam o trabalho em condições precárias, que os expunha a esses perigos, há mais elementos para se avaliar a dimensão dos temores que carregavam.

Assim, os depoimentos revelaram que os trabalhadores viam a atividade no aterro como prejudicial à saúde sob vários aspectos. Além dos riscos, Edna chamou a atenção para o excesso de barulho no aterro. Para ela, os ruídos da esteira, da prensa e dos tratores aumentavam o cansaço de quem permanecia oito horas por dia naquele local, demonstrando consciência dos prejuízos à saúde.

Certas narrativas mostravam que os acidentes de trabalho em que os funcionários se feriam com objetos cortantes eram frequentes. Se alguns evitaram falar abertamente sobre o tema, já outros contaram que se machucaram ou se lembravam de que algo semelhante aconteceu a um colega. Zileila, por exemplo, no depoimento em que explicou quais fatores faziam com que os trabalhadores se machucassem, chamou a atenção para a responsabilidade da população nesse processo. Ela afirmou, sem titubear, que o hábito da maioria das pessoas de descartar o lixo de qualquer jeito, sem cuidado ou precaução é falta de “bom senso” e de “consciência”. Na verdade, Zileila parecia querer alertar que o gesto relapso de quem joga objetos cortantes no lixo, cacos de vidro e agulhas, sem um aviso indicando o que está sendo ali descartado, pode ferir um trabalhador. Em sua narrativa, ela emitiu, inclusive, sugestões de como as pessoas deveriam proceder a fim de evitar os acidentes. Leio, em sua atitude, indícios de como os trabalhadores foram adquirindo alguns saberes no trabalho com o lixo.

De modo geral, eles conseguiam ver os lados melhor e pior da atividade que realizavam, demonstrando uma apreensão da complexidade que a envolvia. Entretanto isso se diferenciou quando conversei com outros trabalhadores e constatei que, para estes, o trabalho na usina era visto de maneira distinta, não se tratando de uma atividade que impusesse riscos à integridade física daqueles que a executavam. Quando entrevistei

Roberto Alves, operador de prensa, indaguei sua opinião acerca do trabalho na esteira e, como quase tudo em seu depoimento, ele teve pouco a informar, assegurando apenas que era um “trabalho tranquilo”, que não acarretava maiores riscos. Clênia, técnico de segurança, também partilhava dessa opinião. Em sua visão, o trabalho na usina não poderia ser considerado repetitivo. Uma maneira de enxergar a situação que se sintonizava com o funcionamento da empresa, o tratamento dispensado aos trabalhadores e as condições a que eram submetidos. Ela também atribuía o desgaste físico a outros fatores que não a natureza do trabalho, a exemplo da dupla jornada realizada pelas mulheres.

Houve alguns aspectos no depoimento de Clênia que me estimularam a refletir acerca do modo como as empresas e os técnicos que nelas atuam costumam ver os trabalhadores. A própria denominação de “recursos humanos”, utilizada no setor administrativo, traz indicações sobre isso e traduz determinadas posturas políticas. Predomina aqui uma visão tecnicista das relações de trabalho, como também das causas que tornam por demais extenuantes as condições em que este é realizado. Nessa perspectiva, compreendi por que os argumentos da técnico de segurança, para justificar o desgaste do trabalho, configuravam-se unicamente em fatores relacionados com os trabalhadores; condições biológicas e socioculturais, como o fato de que o quadro de funcionários era constituído por expressivo número de mulheres, cujas obrigações incluíam também tarefas domésticas e cuidados com a família, e que muitas atuavam na empresa há mais de cinco anos. Argumentos que poderiam ser, em parte, razoáveis, mas que, confrontados com as narrativas delas, não se sustentavam. Seus depoimentos a respeito do próprio trabalho foram sugestivos de que a atividade no setor era extenuante, e não somente pelos motivos apresentados por Clênia. Além disso, é interessante refletir que tanto a visão dela como a de Roberto Alves assemelham-se não apenas sobre o que disseram das características do trabalho na esteira, como também quanto ao fato de que ambos trabalhavam na usina, mas não realizavam essa atividade. A técnico de segurança tentou salvaguardar os interesses da empresa, num contexto em que diversas críticas vinham sendo feitas ao gerenciamento do aterro.

Já Roberto, ao longo de toda a entrevista, não teceu críticas à empresa, assumindo uma postura fria e distante. Vi seu silêncio e distanciamento por si sós como reveladores de que havia algo a dizer e não foi dito. Sua recusa foi uma opção de não se

envolver, de isentar-se. Uma escolha em não se comprometer fazendo observações sobre a sua atividade ou a de seus colegas, reforçada pelo fato de que, em alguns momentos, ele teceu elogios à empresa. Uma postura bem diferente foi assumida por Sílvio, também operador de prensa. Enquanto Roberto se fechou, Sílvio se expôs, numa atitude a sinalizar abertura, proximidade. No espaço da entrevista, descreveu a si próprio como um trabalhador que lidava com o lixo, e dispôs-se a refletir acerca do que isso significava para ele e para as suas relações com outras pessoas. Descreveu-me como via o próprio trabalho e o de seus colegas; as dificuldades e os riscos a que estavam expostos, enfim, as impressões dele sobre aquele ambiente e o que eles ali realizavam. Explicou que, ao manusearem a prensa para compactar os fardos de materiais, qualquer “vacilo” pressupunha o risco de perder um membro superior. Claro está que, ao assumirem atitudes tão diferentes, tanto Sílvio como Roberto demonstraram posturas diferenciadas diante da realidade com que se defrontavam na usina e, sem dúvida, de que modo eles se inseriam nela.

Segundo a técnico de segurança, a atividade na esteira não podia ser considerada repetitiva. Porém, vê-se que isso não seria possível, porquanto, na tarefa de separar e retirar materiais recicláveis do lixo, os movimentos pouco variavam e dependiam apenas do que estava sendo selecionado. Zileila apontou a possibilidade de os trabalhadores revezarem entre si a posição na esteira. Por quê? Porque realizar a mesma atividade, durante todo o dia, exauria-os. Na percepção dela, o trabalho na esteira estava longe de não ser repetitivo. Quanto ao aspecto da exigência ou cobrança de produtividade, creio que o fato de os trabalhadores serem privados de receber o vale alimentação caso se ausentassem, mesmo apresentando um atestado médico, era indicativo do nível de instância da empresa. Assim, as contradições entre o que dizia a maioria dos trabalhadores entrevistados a respeito de suas condições de trabalho, e as afirmações de outras pessoas que se relacionavam com eles ocorreram em várias circunstâncias. Além disso, a precariedade das condições de trabalho na usina pode ser evidenciada por meio de outros registros, como o Relatório de Avaliação Ambiental do Aterro Sanitário, no qual tais circunstâncias de trabalho são descritas como “extremamente precárias, com elevados riscos de acidentes e à saúde”. Em se tratando das observações sobre os trabalhadores, contidas nesse documento, avalio-as como por demais genéricas. Percebe-se que a situação em que trabalhava o pessoal da esteira não fora o enfoque principal da

atenção dos pesquisadores. De fato, ao longo da investigação, constatei certo silêncio em torno destes trabalhadores. Esquecimento que não é insignificante, nem pode passar despercebido pela análise histórica. Ele faz parte de um processo mais amplo no qual se evidenciam diversos olhares e interesses. De todo modo, o objetivo do Relatório consistiu em apresentar um parecer à prefeitura a respeito do funcionamento do aterro e sugerir uma alternativa diante dos problemas encontrados. A produção deste documento por vários professores da Universidade Federal de Uberlândia diz respeito a uma conjuntura sócio-política específica. Diversos fatores motivaram a sua elaboração: suspeitas de contaminação do lençol freático e das águas superficiais, poluição atmosférica provocada pelo aterro, além do fato de que, em abril de 2001, havia sido instaurado um inquérito pela Curadoria do Meio Ambiente - órgão do Ministério Público - com o intuito de apurar tais ocorrências. Ademais, um auto de infração contra a Limpel, registrado pela FEAM, também serviria para alertar que algo errado ocorria. A prefeitura viu-se pressionada por um conjunto de circunstâncias que, em parte, antecederam aquela administração, mas que, naquele momento, tornaram-se patentes, exigindo providências efetivas. Para a missão de investigar e apontar soluções para o problema, formou-se a Comissão de Avaliação Ambiental do Aterro Sanitário, em setembro de 2001.

Conforme o Relatório, a empresa relutou em fazer as mudanças que lhe eram cobradas pelos órgãos de fiscalização. Assim, tanto a população que mora ou trabalha nos arredores do aterro como os funcionários que lá atuavam foram prejudicados em decorrência de tal postura. A precariedade das condições de trabalho foi, em parte, amenizada devido às pressões daqueles que estavam sujeitos a elas. À medida que enfrentavam obstáculos e tomavam consciência da situação, os trabalhadores encontravam argumentos para pressionar por melhorias no ambiente da usina. Como a intervenção da prefeitura constituiu-se de forma morosa, depreende-se uma excessiva tolerância com a empresa, o que foi prejudicial aos trabalhadores. Na verdade, isso nos instiga a pensar sobre os significados da presença destes trabalhadores na cidade, pois, quando aterro passa a ser um elemento da vida urbana, fator de soluções e, ao mesmo tempo, de novos problemas, ainda assim, permaneceu a falta de interesse e de compromisso em relação a eles e às condições em que trabalhavam naquele espaço. Apesar de a atividade exercida por eles estar instituída formalmente, isso não resultou no reconhecimento ou na valorização do que faziam. De fato, esses sujeitos revelam o que a

cidade, muitas vezes, abriga, mas tenta esconder, traçando determinadas formas de viver ou de trabalhar que são escusas. Sobre a visão dos pesquisadores que produziram o Relatório, acerca das condições de trabalho no aterro, considero que reflete, de certa maneira, um olhar técnico ao pensar a questão do lixo. Conquanto o documento exponha os vários interesses políticos e econômicos que norteiam essa problemática, a análise, em si, carece de sensibilidade quando deixa de se debruçar sobre a atividade dos trabalhadores. Exemplo disso é como o Relatório se subdivide em capítulos, nos quais se aborda a questão do aterro sob várias perspectivas: o despejo do lixo hospitalar, do lixo industrial, a discussão sobre a legislação ambiental, a saúde da população do entorno no âmbito epidemiológico. No entanto os trabalhadores não foram enfoque de um capítulo específico, nem se teve a preocupação de discutir suas condições de trabalho sob o ponto de vista da segurança, tendo em vista a ausência de salubridade ali evidente, ou da responsabilidade da prefeitura, considerando ser seu papel fiscalizar o empreendimento. Constatou-se, inclusive, que o trabalho era prejudicial aos funcionários e até se sugeriu que fosse feita uma pesquisa sobre o estado de saúde deles. Entretanto esse estudo dependeria da concordância da Limpel, razão pela qual talvez não tenha sido realizado.

De qualquer maneira, o Relatório contém relevantes informações acerca das condições de trabalho na usina e deixa entrever dois importantes aspectos: primeiro, que, para aqueles que o produziram, a prioridade não era abordar de que modo trabalhava o pessoal da esteira; segundo, que isso não foi considerado importante nem mesmo sob o ponto de vista do poder público, pois, alguns trabalhadores relataram que a fiscalização da prefeitura consistia, basicamente, em verificar como o lixo estava sendo aterrado e a quantidade de toneladas registradas pela empresa. Nesse sentido, interessante resgatar alguns elementos que antecederam a fundação do aterro sanitário. Primeiro, quando começou a funcionar, não se instaurou a usina no prazo combinado e o lixo veio sendo despejado sem tratamento algum. Período em que moradores da região muito reclamaram da instalação do empreendimento no local. Isso serve para ressaltar como o estabelecimento do aterro em área densamente povoada, como o Setor Industrial, trouxe danos à população do entorno que reside ou trabalha por ali. Já se previa, também, que os trabalhadores da usina correriam riscos de saúde devido às condições de trabalho. Para conseguir a licença de operação, era necessário que a Limpel apresentasse à FEAM uma documentação, que incluía um EIA/RIMA (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental).

Quanto às condições de trabalho, o Relatório de Avaliação Ambiental informa que o EIA/RIMA previa que algumas características do empreendimento seriam prejudiciais aos trabalhadores, teriam um “impacto sócio-cultural e econômico na comunidade local”, e, também, “um impacto sobre os recursos hídricos”.

Conforme o Relatório, entre 1999 e 2001, a população do bairro Guarani apresentou variações em seu quadro de doenças, contraindo males causados pela destinação inadequada do lixo. Os pesquisadores chegaram a tal conclusão depois de avaliar, entre outros aspectos, dados obtidos no posto de saúde local.

Com isso, a Limpel não poderia alegar desconhecimento dessa realidade, tampouco a prefeitura, que, aliás, autorizou a instauração do aterro a despeito dos prejuízos que haveria. As dimensões privilegiadas pelo poder público não consideraram o que moradores e trabalhadores perderiam com isso, sequer discutiram o projeto com a comunidade, conquanto tenham sido feitas pressões por parte de moradores da região, de vereadores da oposição e de professores da Universidade. Para tanto, encontraram respaldo na própria legislação, pois

“Nos casos de licenciamento em que se aplicam a exigência de EIA e RIMA, a Legislação Ambiental prevê a realização de Audiência Pública, destinada a expor à comunidade as informações sobre o sistema de tratamento e ou disposição final do lixo e os estudos ambientais realizados, dirimindo dúvidas e recolhendo as críticas a respeito para subsidiar a decisão quanto ao licenciamento”.

Contradições que desvendam como a questão do lixo serve para evidenciar determinados empreendimentos que não atendem às necessidades e ferem os interesses da maioria da população e, não obstante isso, são levados adiante. O aterro tornou-se presença marcante na cidade, visto que, anunciado como eficaz solução, deveria ser alternativa para sanar o problema do lixo e acabou por desencadear novos problemas, envolvendo conflitantes interesses.

Vale retomar a enorme polêmica em torno da construção do aterro sanitário em Uberlândia, ocorrida entre os anos de 1994 e 1997. Interessa ressaltar que esta não foi uma questão localizada. Nos últimos tempos, controvérsias dessa natureza têm ocorrido com relativa frequência em várias cidades do país. No Rio de Janeiro, a implantação de um empreendimento semelhante, no bairro de Paciência, na zona oeste, local de intenso povoamento, foi objeto de muitos conflitos: de vícios no procedimento licitatório e de



licenciamento ambiental a questionamentos técnicos e embargos judiciais. Em Manaus, uma usina de triagem, situada no bairro da Compensa, operava com 13 esteiras e processava cerca de cem toneladas de lixo por dia, mas foi fechada porque a comunidade não tolerava o mau cheiro. Essas são realidades que implicam ponderar de que maneira o lixo, numa relação direta com a questão ambiental, incide profundamente nas políticas públicas e na vida urbana.

No que se refere ao processo de apropriação do lixo pela iniciativa privada, que, na última década, observa-se na cidade, é oportuno lembrar que, segundo Lopes, desde os anos de 1970, quando o mercado das construções deixou de ser tão lucrativo, as empreiteiras encontraram um nicho de investimento na gestão do lixo, elas tinham, inclusive, todo um aparato técnico para isso<sup>13</sup>. Vale retomar que a CCO era uma grande construtora, presente na região desde 1967, entretanto, em meados da década de 1990, apesar de a imprensa ter silenciado quanto a isso, ela havia praticamente falido. Entretanto, ao gerenciar o lixo por meio da Limpel a CCO conseguiu se manter. Isso sinaliza como a gestão do lixo propiciou não apenas o monopólio dos restos, mas também a manutenção de privilégios econômicos a determinados grupos sociais na cidade. Porém, embora tenha encontrado um meio de atuação com garantia de lucratividade, a empresa também se viu enfrentando novos problemas. Em um ofício encaminhado à FEAM, no ano de 1995, ela reconheceu suas limitações para executar o compromisso que assumia naquele contexto.

Estamos encaminhando o FCE (formulário de caracterização do empreendimento) com a finalidade de iniciarmos o licenciamento ambiental da destinação final dos resíduos sólidos do Município de Uberlândia. Lamentavelmente, a inexperiência e a falta de orientação levaram a desvios no procedimento recomendado para tal caso (licenciamento preventivo) ... Propomos a este conceituado órgão um acordo no sentido de viabilizarmos o atual programa em andamento e o respectivo licenciamento ambiental corretivo; ficamos, desde já, prontos para as sanções e multas advindas do desvio original, e demais obrigações requeridas para tal tipo de empreendimento ...<sup>14</sup>

Nesse documento, entremostra-se a complexidade que a problemática do lixo e da questão ambiental passavam a engendrar, impondo desafios, talvez, inesperados e exigindo soluções das autoridades responsáveis. Nesse processo, em 2001, conforme consta do Relatório, a Promotoria de Justiça Especializada na Defesa do Meio Ambiente

<sup>13</sup> LOPES, Rosana Miziara. Nos rastros dos restos: a trajetória do lixo na cidade de São Paulo: Mestrado em História Social, PUC: São Paulo, 1998, p. 170.

<sup>14</sup> Relatório de Avaliação Ambiental do Aterro Sanitário de Uberlândia, Anexos (parte I), p. 17.

havia determinado à Secretaria Estadual de Saúde uma vistoria e um parecer sobre as condições do aterro à época, em que se observaram vários aspectos de seu funcionamento.

- Recursos humanos: funcionários sem EPIs, controle de vacinação dos funcionários e controle de exames periódicos apresentados de forma incompleta.
- Infra-estrutura: condições inadequadas das instalações físicas dos vestiários feminino e masculino, com presença de trincas, rachaduras, pisos soltos, sem revestimento impermeável nas paredes, sem lavatórios, sem ralos sinfonados e chuveiros em número insuficiente; má conservação dos escaninhos para guarda dos pertences dos funcionários;
- guarda temporária da alimentação trazida de casa pelos funcionários em local não refrigerado;
- inexistência de lavatórios para lavagem de mãos junto ao refeitório, dotado de papel toalha e sabão líquido.<sup>15</sup>

As questões aqui enumeradas ajudam a compreender algumas das circunstâncias que favoreceram o fechamento da usina. Elas também demarcam atitudes, comportamentos e posturas políticas contraditórias no que se refere ao modo como lidamos com a problemática da produção dos restos na cidade. Vale a pena ponderar sobre o modo como os discursos do poder público a respeito da questão ambiental se misturam, como o interesse configura-se mais por cuidados com o ambiente, por benefícios para uma população que aparece de maneira difusa e abstrata. O que se delineou de fato foi que as novas ingerências em relação ao lixo, em meio a disputas e tensões, acarretaram, sobremaneira, a precarização da vida e do trabalho daqueles que sobrevivem nas fímbrias da exploração dos restos. Considero que incorporar condições precárias de trabalho, de modo mais explícito e enfático, seria lidar com sujeitos bem localizados, o que implicaria assumir os trabalhadores do lixo como interlocutores, tornar a problemática desse trabalho mais visível. Porém, isso não parece ser uma intenção das forças hegemônicas na cidade.

Quanto aos trabalhadores, apropriar-se dessas informações e difundirem-nas, servia-lhes para valorizar a própria atividade, contribuir com a mudança de imagem sobre o lixo e sobre quem trabalha com ele e conseguir a "aceitação" das pessoas com as quais convivem.

<sup>15</sup> Relatório de Avaliação Ambiental do Aterro Sanitário de Uberlândia, p. 106-107.

Em suas narrativas, os trabalhadores traduziram sua percepção do que significa trabalhar com o lixo: realizar uma atividade que é malvista pelas pessoas. Na leitura que fizeram destas relações, vê-se um movimento simultâneo de enfrentar a humilhação e ao mesmo tempo de reafirmar a dignidade. Eles estabeleciam uma convivência diária com aquilo que mal suportamos. Conquanto a vivência da humilhação seja uma experiência individual, absorvida e digerida de maneira diferente e singular, ela é também uma experiência social, porque vivida coletivamente. Sentida na pele, se elaborada na consciência daqueles que vivenciam o que é ser estigmatizado e que vão tomando consciência de seus direitos, a humilhação é um sofrimento que pode vir a ter um alcance político<sup>16</sup>. Muitos são os trabalhadores submetidos a formas de preconceitos e estigmas sociais, veladas ou escancaradas. Ao buscar enfrentá-las, estão lutando não apenas contra algo que queira rebaixá-los, mas também contra todo um mecanismo de dominação, que contribui para determinar o lugar social de cada um e definir as relações vividas, os valores e a sensibilidade.

Essa é uma das razões pelas quais os trabalhadores da usina afirmavam com certa ênfase que aquele era o trabalho que faziam, o qual lhes permitia sobreviver. Uma insistência significativa, uma maneira encontrada por eles para provar que seu modo de trabalhar é tão digno quanto qualquer outro. Enquanto reelaboravam essas contradições, mostraram-se sujeitos denunciando a complexidade do universo de trabalho, das relações que estabelecem, da luta contra o preconceito e do esforço que empreendem pela sobrevivência.

---

<sup>16</sup> Ver *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. COSTA, Fernando Braga da. São Paulo: Globo, 2004, p. 130.